

## **Memórias da organização docente: narrativas de uma pesquisa**

### **Memories of the Teaching Organization: Narratives of a Research**

Alcides Leão Santos Júnior<sup>1</sup>

**Resumo:** Aponta-se o percurso metodológico utilizado para desvelar o Movimento das Professoras Primárias da Rede Estadual de Ensino iniciado na cidade de Salvador/BA, em setembro de 1947, como uma mobilização que culminou na criação da entidade representativa da categoria. Utiliza-se a memória dos sujeitos que vivenciaram tal movimento e a aponta como um instrumento de pesquisa capaz de entrelaçar momentos vividos e vivenciados em um tempo-espaço, fazendo, também, um entrelaçamento de olhares entre as memórias dos sujeitos da pesquisa, do aporte teórico e da compreensão de mundo do pesquisador. Em suma, utilizar a memória como metodologia de pesquisa permite compreender a nossa história sob o olhar de quem a vivenciou e tira do esquecimento aquilo que a história oficial sepultou.

**Palavras-chave:** Memória, História da Educação, Organização Docente, Procedimentos de Pesquisa.

**Abstract:** It points up the methodological approach used to unveil the Movement of Primary Teachers, the State Education Network started in Salvador / BA, without September 1947 as a mobilization that culminated in the creation of representative of the category entity. It uses the memory of the subjects who experienced such a move and points as a research tool capable of interweaving moments lived and experienced in a time-space making also an intertwining of glances between the memories of the research subjects, the theoretical framework and understanding of the research world. In short, use the memory as research methodology allows us to understand our history in the eyes of those who experienced it and forgetting takes what the official story buried.

**Keywords:** Memory, History of education, Teaching Organization, Search procedures.

---

<sup>1</sup> Doutor em educação (UFBA), Prof. do Departamento de Educação, Campus Assú, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email. santosjunioralcides@gmail.com

## 1. Introdução

Uma sociedade é marcada pelos movimentos que a produz. Desta forma, pode ser entendida, também, enquanto produto destes. Sendo movimento, ela é mutável e metamórfica no seu agir e no seu pensar. Essas características que ora se apresentam de maneira diferenciada, em cada instância dos seus elementos constitutivos, estão presentes nos ideais que produzem a ambiguidade entre solidificar e transformar ações e pensamentos.

Igualmente, o universo de tensões que se instaura no cotidiano de uma sociedade permite aos sujeitos encontrarem seu lugar no cosmos. Esse dinamismo incentiva práticas de inserção dos indivíduos para conviverem e coabitarem em espaços comuns. Em tais espaços, o binômio Sociedade e Educação reveste-se de relações multirreferenciais e polifônicas que nos conduzem a refletir que as vozes silenciadas dos sujeitos sociais, calados pela/na História em um determinado contexto social, podem ser memoradas e expressas no tempo presente.

No âmago dessa discussão, interessa-nos apontar o percurso metodológico que utilizamos para a escrita da dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em abril de 2007 (SANTOS JR, 2007), intitulada *Mulheres Professoras: memórias da organização docente*, que desvelar o Movimento das Professoras Primárias da Rede Estadual de Ensino, no Estado da Bahia, em 1947.

O movimento iniciado na cidade de Salvador/BA, em setembro de 1947, constituiu-se como uma mobilização que culminou na criação da entidade representativa da categoria: a Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP). É importante frisar que a nomenclatura professor primário não é mais utilizada. Hoje, o equivalente é docente da educação básica.

Para iniciarmos esta composição, é necessário frisar que a narrativa da pesquisa tem sua gênese na primavera de 1947. Este período é marcado pelo início da estação das flores que, possivelmente, fazendo alusão à referida estação, fez desabrochar na categoria dos professores primários do estado da Bahia uma semente que fomentou o

florescer de um acontecimento local, mas que pode ser visto como um fato que marca a História da Educação, especificamente do estado da Bahia, e a História de luta da Mulher. Pois, compreendemos que reivindicar a importância da mulher na história, segundo Scott (1992b. p. 77 – grifo da autora), “[...] significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado”. Assim, ao comentar sobre a gênese da SUPP enquanto uma ação de mobilização formada, inicialmente, por mulheres professoras, o referido movimento inscrever na História da Educação Baiana o papel das professoras primárias da rede estadual de ensino, na criação da primeira entidade da categoria no estado da Bahia.

É bom frisar que o cenário da narrativa desse acontecimento evidencia que como de costume, no mês de setembro, as Unidades Escolares da capital baiana festejavam a chegada da primavera com muita animação. Contudo, na Escola Estadual Maria Quitéria, situada no bairro de Brotas em Salvador/BA, deflagra uma inquietação, para alguns uma revolta, conforme fonte documental que descreve a criação da SUPP, já que os professores tomam conhecimento de uma “*Tabela de Cargos e Salários*” decretada pelo então Governador Octavio Mangabeira (1886 – 1960) que iguala os vencimentos dos Professores Primários aos dos agentes de serviços gerais. No documento denominado histórico da SUPP (sd, sp) foi possível observar que:

Como uma bomba que devasta corpos e vida esta chega devastando as alegrias e provocando revoltas (Histórico da SUPP) dos professores da Escola Estadual Maria Quitéria que consegue articular-se com outras Unidades Escolares, pois teria que ser feito algo que viesse demonstrar a “capacidade e a união dos Professores contra o que se achava injusto e desrespeitoso”.

Lúcia Barreto Almeida Souza, Luzia Martins de Souza, Esmeralda Aragão, Irene de Araújo Falcão, Abelita Gama da Paixão, Helena Sampaio Cruz, Maria Costa Figueiredo e Eleusina Uzel constituem-se como representantes desse movimento que não satisfeitas com a situação resolvem redigir uma carta de indignação e a publicam no periódico de maior circulação no estado, o jornal *A Tarde*.

### *Esripturas*

Como a situação da categoria não fora resolvida, o coletivo de professores passou a convidar os demais através de visitas às escolas do município de Salvador/BA para realizar uma reunião a fim de explicar a insatisfação da categoria. Aragão (2002, s.p) comenta que:

Lucia idealizou e realizou o maior movimento de união dos professores primários, criando, com um grupo de colegas da Escola Maria Quitéria, onde ensinava, a Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP), com o apoio e entusiasmo de Luzia Martins, a grande líder, e muitos outros colegas.

Este encontro seria os primeiros momentos que viriam eclodir na criação da Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP). A dinâmica para a adesão de mais professores continuou sendo a mesma e os anúncios passaram a ser frequente e eram financiados pelos próprios professores que logo após resolveram criar um jornal (*A Voz do Professor*) para a socialização das informações do movimento entre os professores.

O movimento se organiza e ganha repercussão estadual e nesse contexto, após vários encontros, uma comissão eleita para dialogar com o executivo consegue ser ouvida pelo então Secretário Estadual de Educação e Saúde, Anísio Teixeira, que se mostra solidário à causa e anseios dos professores. Ao longo desse processo, surge a SUPP, uma entidade criada para defender os interesses dos professores primários no estado da Bahia.

Em suma, a participação feminina nas entidades de classes e de categorias sempre foi marcada por muita desconfiança pela sociedade civil e pelas próprias entidades. Assim, aqui pudemos inferir como, mais uma vez, as mulheres rompem os obstáculos que as direcionam para os afazeres domésticos e profissões consideradas menos privilegiadas socialmente e se veem na linha de frente dos movimentos sociais e de interesse de categoria. É importante frisar que em nenhum momento houve um conflito de categoria (professores versus agentes de serviços gerais) ou uma tentativa de menosprezo ou minimização de importância entre os profissionais; a luta era para garantir a implantação de um Plano de Cargos e Salários.

### *Esripturas*

## 2. O percurso metodológico para a construção de uma história

Tomando como expressão principal a criação da Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP), nosso olhar emergiu do contato que tivemos com essa Instituição por ocasião do seu cinquentenário, na cidade de Salvador, em 1997.

Ao estudar esse movimento, retorno à minha condição de professor do ensino fundamental com todas as excitações que movem este ofício. Tal retorno contempla narrativas de fatos e de vidas, eis o olhar pelo qual a presente narrativa nos direcionou a investigar o Movimento das Professoras Primárias no ano de 1947. Lembramos que o uso do termo no gênero feminino é para destacar a participação de mulheres professoras desde a idealização até a sua oficialização enquanto entidade representativa. Ao longo da narrativa, faremos uso dos termos professor e professores para generalizar a categoria.

A presente narrativa constitui-se em um momento de diálogo e reflexão sobre a forma como percebemos a práxis educativa e social. Em primeiro lugar, identificamos a falta de referências sobre o tema, visto que como pedagogo e estudioso da História da Educação percebi uma escassez de referências bibliográficas acerca dos acontecimentos que marcam a história educacional baiana, tendo os professores como sujeitos. Em segundo lugar – a reflexão, decorrente dos estudos sobre memória que nos levou a crer na inexistência de temáticas de estudos situadas nessa época de criação da SUPP. Desta maneira, ao estudar este movimento estamos procurando encontrar respostas às nossas inquietações sobre a História da Educação no Brasil, especificamente na Bahia.

Essas tensões têm nos levado a acompanhar o olhar por onde a História da Educação Brasileira e Baiana revelam suas inquietudes, suas promessas, suas aspirações, seus desejos e seus sonhos. Mas, também, vimos que essas histórias evidenciam e nos fazem debruçar em mobilizações, lutas, vitórias e derrotas tão importantes nos processos de vida profissional e social.

*Esripturas*

A partir do nosso aporte teórico, foi possível identificar três marcos históricos significativos: o primeiro diz respeito às motivações em defesa da valorização profissional em um contexto de reformas educacionais e de pensamento democrático; o segundo, vinculado à criação da entidade representativa, fomentado pela necessidade de aproximação e união da categoria; e o terceiro através da necessidade de criação de uma instituição representativa que pudesse zelar pela categoria, acompanhando as ideias estimuladas pelos pensamentos da época. Esse marco estava em sintonia com a abertura política e pela promulgação da Constituição Federal de 1946. Esse momento é, também, caracterizado através do clamor pela democratização do país em oposição à tirania existente durante o período do Estado Novo (1937 – 1945).

Como dispositivo de pesquisa, utilizou-se a memória como um instrumento capaz de entrelaçar momentos vividos e vivenciados em um determinado contexto social que não é o nosso. Desta forma, fizemos um entrelaçamento de olhares entre as memórias dos sujeitos, do aporte teórico e da nossa compreensão de mundo para desvelar o Movimento das Professoras.

Para este cruzamento de olhares como recurso metodológico, foi preciso recorrer a uma entrevista estruturada, pois estávamos trabalhando com “[...] uma memória emprestada e que não é minha” (HALBACHS, 2004, p. 86). A escolha desse instrumento deu-se porque comungamos com o pensamento de Freitas (2002, p. 84-85), quando diz que a entrevista é “[...] uma troca de experiências entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que [...] estarão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão”.

Para a concretização desse diálogo, um fator que corroborou com a estruturação da entrevista foi o encontro que tivemos com a Professora Lúcia Barreto de Almeida Souza, em agosto de 2003, com o objetivo de buscarmos fontes e a viabilidade da pesquisa. As informações adquiridas, nesse encontro, transformaram-se na assunção de um desejo, de uma paixão, de um compromisso em reconstruir e registrar a Memória da Organização Docente, uma vez que o não registro dessas memórias seria um arranhão na minha identidade profissional.

### *Esripturas*

Após a aprovação no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em abril de 2004, os encontros se tornaram frequentes, mas as entrevistas não se configuraram como uma “camisa de força” que aprisionasse o diálogo, pois elas aconteceram em um clima descontraído, sem o formalismo ou sem a preocupação com o uso da linguagem culta. Lembramos que após a aprovação no mestrado outros sujeitos foram inseridos na pesquisa.

Assim, em novembro de 2004, a partir das leituras das Atas de Posse da SUPP - único documento encontrado relativo à origem da Instituição, e das informações da Professora Lúcia Barreto de Almeida Souza - elaboramos uma lista contendo os nomes das professoras primárias que participaram do Movimento de criação da Sociedade Unificadora de Professores Primários, em setembro de 1947, na cidade de Salvador/BA.

Após identificarmos os professores, o próximo passo foi o contato com os mesmos. Através de informações verbais, tivemos a infelicidade de saber que dez deles já haviam falecido; duas não se sabe o paradeiro; e, após contato com os demais, ficou perceptível que outras duas professoras não tinham condições de rememorar os acontecimentos devido fatores neurológicos. Assim, nosso diálogo se restringiu às Professoras Esmeralda Maria de Aragão, Lúcia Barreto de Almeida Souza e Luzia Martins de Souza.

Com o propósito de fazer desta pesquisa um diálogo polifônico e multirreferencial, em nossas conversas formais e informais durante os momentos em que íamos à Sede da SUPP, na avenida Carlos Gomes, em Salvador/BA, éramos apresentados, pela Vice-Presidente, Professora Helenita de Santana, aos associados. E em uma dessas conversas, com o apoio dos funcionários da Associação, chegamos aos nomes da Professora Clarice Fortuna, que, na década de 1940, era estudante da Escola Normal da Bahia, e da Professora Claudemira Ribeiro de Moura, à época professora primária no interior da Bahia.

Dessa forma, ao escolhermos a memória como ponto de partida para a (re)construção de um fato histórico, faz-se necessário o confronto com os diferentes atores sociais pois “[...] as histórias narradas pelo grupo pesquisado não são representações exatas do seu passado, mas trazem vestígios desse passado, moldados para que se ajustem à identidade e às aspirações atuais de cada um” (CARVALHO,

### *Esripturas*

2000, p. 73). Diante dessa situação, os atores da nossa pesquisa foram quatro professoras primárias da capital e do interior e uma aluna do Ensino Normal.

Munido da entrevista e da relação nominal dos sujeitos para o diálogo, começamos a agendar os encontros. O primeiro passo foi buscar uma forma de contatar essas educadoras. Com a Professora Lúcia Barreto de Almeida Souza, conseguimos os números dos telefones das Professoras Esmeralda Maria de Aragão e de Luzia Martins de Souza. Com a Professora Helenita de Santana, os das Professoras Clarice Fortuna e Claudemira Ribeiro de Moura.

Após conversas ao telefone explicando os objetivos da pesquisa, as entrevistas aconteceram individualmente, em tempo e espaços diferenciados, conforme determinação dos entrevistados diante das suas disponibilidades para as entrevistas. Ao partir para o encontro com nossos sujeitos, levamos em conta que, segundo Caldas (1999, p. 101):

As representações do tempo e a ordem específica de cada narrativa dizem respeito a mais íntima estrutura, tanto da singularidade como da coletividade. É, antes de tudo, representação coletiva de tempo, de ritmos, de aconteceres e histórias; é como o indivíduo, a fala e o mundo se tornaram o que são. Ao mesmo tempo, essa temporalidade específica é profundamente delicada.

Na construção desse passado, fomos aos encontros munidos de um bloco de notas, canetas, de um microcassete, além de uma carta de cessão de direitos autorais. Os diálogos aconteceram em locais de trabalho, em residências, obedecendo a essa ordem: Professoras Lúcia Barreto de Almeida Souza, Luzia Martins de Souza, Esmeralda Maria de Aragão, Clarice Fortuna e Claudemira Ribeiro de Moura.

Esses encontros nos deixaram atentos para os vestígios de um passado moldado pelas representações das aspirações atuais e pelas memórias que foram encaminhadas ao esquecimento por não terem tanto significado no presente. Uma memória é carregada por histórias agradáveis e desagradáveis. Assim, Carvalho (2000, p. 74) comenta:

### *Esripturas*

Os sentimentos e experiências perturbadores que ocasionaram um desequilíbrio na identidade são reprimidos da memória consciente e só trazidos a público pela memória involuntária, pelas respostas incisivas do entrevistador. Estas memórias ocupam o espaço do esquecimento.

É preciso postular que um trabalho de rememoração é uma ação tecida em conjunto e operada pelas instâncias psíquicas e sociais. Portanto, é uma reflexão sobre uma mudança de um tempo e de uma sociedade. A memória passa a ser entendida, também, como uma fonte de informação pessoal que, ao longo dos anos, vai sendo atualizada a partir das experiências socializantes. Halbwachs (2004) deixa evidente que lembrar não é reviver, mas (re)construir com pensamentos e imagens atuais. Todavia, na relação entre homem e sociedade, lembrar passa a ser uma ação coletiva porque a memória sustenta-se no interior do grupo e objetiva o registro de experiências individuais inseridas em um contexto social. Assim, precisamos deixar claro que, durante a transcrição, alguns acontecimentos posteriores à pesquisa, 1947 – 1951, e alguns vícios de linguagem foram retirados do texto para torná-lo mais coloquial.

Ainda dentro do nosso propósito, para a interpretação das memórias transcritas, selecionamos Docência e Movimento Social enquanto categorias de análise, formando um eixo temático que articula as questões da entrevista com a construção histórica das memórias. Isso porque uma história é escrita a partir de vestígios e registros deixados de uma geração para outra.

Em suma, acreditamos que uma pesquisa a partir do entrelaçamento de memórias transfigura-se em uma produção de conhecimentos a partir de histórias singulares que são plurais. Unir experiências vividas não se construiu em um processo de filtragem de informações, mas em um momento de enriquecer o aporte de ideias e vivências que possibilitou aos sujeitos terem suas histórias conhecidas e socializadas.

### **3. Considerações**

O processo de construção de uma identidade e valorização profissional conduziu as professoras primárias da Escola Maria Quitéria a lutar contra uma equiparação salarial que não consideravam justa. Ainda que na prática docente ficasse evidente o

*Esripturas*

discurso da democracia e da ética ao dissertar essa temática, não estamos livres em incorrer em preconceito.

Em um espaço de tempo em que se vivia o tumultuado final da “Segunda Grande Guerra Mundial” e no qual as diferenças local, nacional e internacional fazem ressurgir os movimentos sociais (negro, índio, operário dentre outros), as diferenças entre as categorias e classes ficaram mais evidentes. Desta forma, para evidenciar acontecimentos vividos com e pelo olhar de quem os vivenciou, o dispositivo da memória como metodologia de pesquisa permite trazer à tona fatos e reconhecer os sujeitos como protagonistas da história da humanidade.

Com o recurso da memória dos sujeitos que a fizeram, percebeu-se que o movimento das professoras primárias baianas não estava desassociado de um contexto local-nacional e internacional. Pelo contrário, ele é resultado de ideais democráticos que imperavam na época.

Assim sendo, entendemos que o movimento das professoras primárias constituiu-se em um momento de reflexão e amadurecimento profissional. Reflexão porque estabeleceu os alicerces para a valorização dos professores primários da rede de ensino estadual tanto no aspecto financeiro como na elevação da estima. Ao longo do tempo veio o amadurecimento e as lutas sucessivas para o respeito e valorização da classe.

A nossa pretensão de resgatar um segmento da experiência humana, no contexto de um passado lembrado, de um presente dinâmico e de um futuro a serem construídos através do uso de fontes orais – memórias – nos estimula à reflexão sobre as formas pelas quais a história é construída.

Em resumo, entendemos que a memória enquanto metodologia de pesquisa é uma ferramenta que permite evidenciar narrativas do vivido sob a tutela de quem a vivenciou, é visibilizar os “subalternos”, uma vez que a mesma procura retratar o viver e o fazer dos humildes e daqueles sujeitos que são colocados às margens pelos escritos oficiais, permitindo, assim, retirar do esquecimento aquilo que a história oficial sepultou. Levando em conta essas premissas, ela é necessária para (re)afirmar aqueles e aquelas que lutaram para a construção desse país.

### *Esripturas*

## Referências

ARAGÃO, Esmeralda Maria de: Uma Escola Saiu do Lixo, **A Tarde**, Caderno 2, Seção Ultraleve. pág. 3, 12 out. 20012.

ARROYO, Miguel G: **Ofício de mestre**: Imagens e auto-imagem. 5 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

BAHIA. Decreto, de 18 de setembro de 1947. Em vista da proposta do Serviço Público por antiguidade de acordo com o art. 50, do Decreto-lei 12.076, de 28 de outubro de 1941, Emilio de Araújo Leite, ocupante do cargo da Classe A, da carreira de Auxiliar de Portaria, para o Cargo da Classe B, da mesma carreira do Quadro de Funcionalismo Público Civil do Estado. Parte Permanente em cargo constante do Decreto-lei 185, de 17 de março de 1944, ficando lotado na Secretaria de Educação e Saúde. In. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Poder Executivo, Salvador/BA, 21 de setembro de 1947, Seção Atos do Poder Executivo - Decretos, p. 1428.

\_\_\_\_\_. Preço teto, de 25 de setembro de 1947. In. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Poder Executivo, Salvador/BA, 28 de setembro de 1947, Seção Comissão Estadual de Preços, p. 5223.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei nº 13.741, de 13 de outubro de 1947, Tabela X – Pessoal do magistério e auxiliares de serviços de Educação e Cultura - Cargos e carreiras permanentes. In. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Poder Executivo, Salvador/BA, 23 de novembro de 1947, Seção Atos do Poder Executivo, p. 331.

CALDAS (a), Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. Loyola: São Paulo, 1999.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães. **Memórias da campanha "De Pé no Chão": 1961 – 1964 (o testemunho dos participantes)**. 2000. 440p. Tese (Doutorado em Educação. Centro de Ciências Sociais Aplicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2000.

DUBY, G; PERROT, M: **História das mulheres**: O século XX. Lisboa: Porto Afrontamento, 1995.

FREITAS, Joseania Miranda: **A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato**: entrelaçamento de personagem e a Instituição, Salvador, 2001 (Tese – FAGED/UFBA).

FLAX, Jane: Pós-modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista, In. HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Pós-modernismo e Política**, Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1991. Pág. 217 – 250.

### *Esripturas*

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 2004.
- HALL, Stuart: **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003
- MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão. **Mulheres professoras**: memórias da organização. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2007.
- SAFFIOTI, Heleieth I L. **O poder do macho**. São Paulo: Ed. Moderna, 1987.
- SCOTT, Joan Wallach: El Problema de La Invisibilidad, In. ESCANDRON, C. R. (Org). **Gênero e história**. Ciudad del México: Instituto Mora/UAM, 1992a , p. 38-68.
- \_\_\_\_\_. História das Mulheres. In. BURKE, Peter: **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.b. p. 63 – 96.
- \_\_\_\_\_. **Uma categoria útil de análise histórica**, Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993.
- Sociedade Unificadora de Professores. **Cópia da Ata de Fundação**. Mimeo.
- VIEIRA, Sofia Lerche. **Ser Professor**: pistas de investigação. Brasília: Plano Editora, 2002.